



**ENTRE A IMAGEM E AS LETRAS: A CIRCULAÇÃO DE LITOGRAFIAS
FRANCESAS NA IMPRENSA FEMININA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO
XIX NO RIO DE JANEIRO**

EVERTON VIEIRA BARBOSA¹

Introdução

Este pequeno trabalho tem como finalidade compreender os interesses que algumas redatoras tinham ao inserirem peças litográficas francesas em periódicos femininos no Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX, ao invés de litografias brasileiras. Também propomos identificar as relações comerciais existentes entre estas mulheres e outros agentes culturais, tanto no âmbito nacional quanto internacional, a fim de entender como as peças litográficas da França chegavam até as mãos das assinantes dos periódicos femininos brasileiros.

Além disso, serão identificadas as embarcações que realizaram a transferência destes objetos culturais e a mediação feita pelos agentes históricos envolvidos neste processo. Por fim, será averiguado o tipo de apropriação destes objetos culturais feito por parte das leitoras dos periódicos femininos no Rio de Janeiro.

A partir destas informações, acreditamos ser possível perceber a relação entre a circulação destes objetos culturais e sua importância na atuação de mulheres na imprensa brasileira e na construção da cultura nacional.

Para alcançarmos estes objetivos, têm-se como proposta metodológica averiguar o periódico *O Jornal das Senhoras* (1852-1855), dirigido por mulheres e voltado ao público feminino, e que circulou na cidade do Rio de Janeiro. Nesta averiguação buscamos informações sobre as peças litográficas anexadas e seus locais de origem, bem como notícias de seus pintores, das casas litográficas que foram elaboradas e dos periódicos internacionais que publicaram tais objetos.

Ao acreditarmos que a maioria destes materiais possui origem francesa, a identificação destes objetos culturais e a constatação desta quantificação contribuirão para uma reflexão sobre o processo de afrancesamento no Brasil ao longo deste período.

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense.



Entre a imagem e as letras

Ao longo da segunda metade do século XIX, a circulação de impressos na cidade do Rio de Janeiro, sede da corte imperial, já era uma constante. Sua condição de entreposto comercial e sua localização geográfica favoreceram a entrada e a saída de jornais, livros, e demais impressos nacionais e internacionais, o que permitiu o aprimoramento da imprensa local, bem como a circulação de novas ideias e novos objetos.

Durante este período, ainda que já existissem periódicos voltados ao público feminino, algumas mulheres começaram a assumir o papel de redatoras de jornais, encabeçando novos olhares e fazeres na imprensa brasileira, ao imprimirem suas ideias e ideais no espaço público.

Dentre estas precursoras, podemos citar Joanna Paula Manso de Noronha (1819-1875), argentina exilada no Brasil, e fundadora do *O Jornal das Senhoras* (1852-1855), periódico cujo título indicava o público-alvo ao qual ele era destinado.

A publicação do periódico tinha como objetivo instruir o público feminino via leitura e educação e informar suas assinantes sobre a condição feminina no Brasil e no mundo, indicando possíveis caminhos para a superação das diferenças sociais determinadas pelo sexo.

Além dela, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco (1817-1875) e Gervaisa Nunezia Pires dos Santos Neves (1824-1872) também foram redatoras do periódico feminino, encabeçando a luta pelo melhoramento social e emancipação moral da mulher, via artigos que abordavam situações de submissão feminina perante o pai e o marido.

Mas o periódico também abordava o contexto cultural, servindo como um objeto de conhecimento às leitoras que buscavam aprender sobre o mundo da moda, dos teatros e da música. Em sua primeira edição, a redatora Joanna anunciou no programa do *O Jornal das Senhoras* que

[...] o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de mais bom tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados (O JORNAL DAS SENHORAS, 01/01/1852: 08).

Neste programa é possível identificar o gosto e a escolha da redatora Joanna e, posteriormente, de suas sucessoras pela cultura francesa, seja no figurino, seja na música. Justificado por ser do “mais bom tom em Paris”, os figurinos elencados e inseridos em *O*



Jornal das Senhoras percorriam um longo caminho para alcançarem as mãos das leitoras cariocas.

Mesmo com a média de dez estabelecimentos litográficos distintos na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1852 e 1855 (ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO, 1852: 513), as redatoras do *O Jornal das Senhoras* firmaram um acordo comercial com os redatores parisienses do periódico *Moniteur de la Mode* (1843-1913), mantendo a inserção de litografias que eram anexadas nos periódicos franceses.

Tal escolha deve-se ao fato de ser a França o referencial cultural universal não apenas no Brasil. “No século XVIII e até tarde, no século XIX, o ‘ar do tempo’ era francês e soprava sobre a Europa. A língua francesa era a língua internacional, e através dela, chegavam a todos os países, as novas ideias, acontecimentos, gostos e costumes” (ABREU, 2010: 141).

Já “No Brasil as ideias ‘afrancesadas’ chegam com os alunos que estudavam fora da colônia [...]”, com os livros clandestinos, com as sociedades letradas, com os professores, e também pelas ações da corte joanina (HILSDORF, 2005: 29-36).

Neste sentido, a cultura francesa que já circulava nos livros, nas sociedades letradas e nos homens que haviam estudado na Europa, foi se consolidando no Brasil ao longo do século XIX a ponto de ser percebida na própria imprensa do período.

Em 1829, na primeira edição do periódico *O Mentor das Brasileiras* (São João del Rey, 1829-1832), o redator José Alcibiades Carneiro já havia constatado que “Neste País a moda, vem da França” (O MENTOR DAS BRASILEIRAS, 1829: 07).

No *Jornal do Commercio* eram comuns os anúncios de diversos tipos de objetos de origem francesa sendo vendidos na Rua do Ouvidor e em outras ruas centrais do Rio de Janeiro. E entre os anos de 1844 a 1889, o periódico *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, dos irmãos franceses Eduardo e Henrique Laemmert, publicou anúncios sobre o ensino da língua francesa, os estabelecimentos comerciais franceses e/ou voltados à venda de produtos franceses, e o nome de comerciantes e demais agentes históricos provindos da França e estabelecidos no Rio de Janeiro (MENEZES, 2004: 11-31).

Gilberto Freyre já identificara em anúncios de periódicos do século XIX informações sobre o afrancesamento nas modas de mulher e nos modos sociais dos brasileiros. “Nos cortes de cabelo à francesa, nos usos, nas modas, nas maneiras, só se aprova o que é francês” (FREYRE, 2006: 216-218).



A transferência e mediação da cultura francesa se expandiu ao longo da segunda metade do século XIX, a ponto de Freyre destacar que “[...] esse afrancesamento nas modas e nos modos da corte vinha já se fazendo sentir no Rio de Janeiro desde os começos do reinado de Pedro II”. Eram “[...] brasileiras que, já afrancesadas, sabiam lidar, de modo atraente, com europeus dos mais finos [...]”, e até as “[...] jovens brasileiras de cor que, afrancesadas, sabiam vender, a brasileiras ilustres, artigos de modas francesas, chegados de Paris” (FREYRE, 2009: 100-110).

Este processo cultural contribuiu para moldar padrões de comportamento, práticas intelectuais e intervenções culturais nos espaços de sociabilidade frequentados e nas relações sociais estabelecidas.

Os padrões de comportamentos e costumes estão atrelados ao discurso de civilidade (ELIAS, 1994: 54) em voga entre os séculos XVIII e XIX, e difundidos pelas cartilhas de bons modos vendidos nas livrarias, tipografias e estamarias do Rio de Janeiro e em outros centros urbanos do período. Nelas, as formas de falar, se vestir e se portar em determinados espaços públicos e privados denotam características da cultura francesa.

Atrelado a estes modelos vigentes, a imprensa feminina inseriu em suas páginas, peças com estampas de modas provindas de periódicos franceses, e que chegavam pelos navios diretos da França, ou por intermédio de Portugal. A fim de moldar gostos e normas, tais peças contribuíram para estabelecer modos de comportamentos e regras de civilidade social.

Algumas das peças anexadas em *O Jornal das Senhoras* foram produzidas na *Imprensa de J. Lamoreux*, localizada na Rua St. J. de Bauvais, nº 12, e sua maioria estava endereçada na Rua Richelieu, ambas na cidade de Paris. Estes estabelecimentos geralmente eram especializados, atendendo a uma grande demanda de encomendas tanto no âmbito nacional, quanto internacional, tendo o Brasil como grande consumidor.

Todos de origem francesa, “[...] os figurinos que chegam para o *Jornal das Senhoras* são publicados no Rio de Janeiro um mez depois da sua publicação em Pariz, diferença unicamente do intervalo da viagem do paquete” (O JORNAL DAS SENHORAS, 21/11/1852: 01).

É válido ressaltar que estes intervalos de viagem poderiam variar por diversos fatores como o clima, por exemplo. A mudança de tempo poderia provocar tempestades marítimas, e



consequentemente a mudança nas rotas traçadas, atrasando a viagem e a entrega dos materiais.

O naufrágio destas embarcações também era um fator que impedia a chegada das litografias em solo brasileiro. Porém, constatamos que a maioria dos atrasos na entrega destes objetos culturais, se dava no tempo de descarregamento das embarcações, causando prejuízos às redatoras do periódico feminino.

Na primeira página do *O Jornal das Senhoras*, publicado em 12 de dezembro de 1852, Violante explicou que “[...] o vapor *Tay* ancorou a boa hora para muitos, e infelizmente tarde para nós, porque não pôde effectuar a sua descarga tão a tempo, que podessemos haver os nossos figurinos para serem distribuidos” (O JORNAL DAS SENHORAS, 12/12/1852: 01).

Assim, era necessário recorrer a outras estratégias para suprir a falta de litografias que eram inseridas no periódico feminino. Dentre estes recursos, a inserção de partituras musicais, gravuras e outros suplementos eram os meios encontrados a fim de manter a satisfação de suas assinantes, que aguardavam a próxima remessa de litografias que chegariam com as próximas embarcações.

Assim, os navios de vela, vapores, paquetes e fragatas, mencionados em *O Jornal das Senhoras*, eram algumas das muitas embarcações que se deslocavam pelo Oceano Atlântico e que contribuíram para o processo de transferência cultural, noção compreendida como o “[...] mouvements d’idées, la circulation des savoirs et des pratiques entre deux espaces culturels distincts” (COOPER-RICHET, 2013: 130), mediada pelos “representantes da disseminação dos aspectos culturais” (OLIVEIRA, 2015: 152), dentre eles, as redatoras e colaboradoras da imprensa na França e no Brasil.

A transferência de litografias, via marítima, possibilita identificar parte da cultura francesa que se deslocava para o espaço público e privado no Brasil, especialmente em ambientes onde as mulheres que assinavam *O Jornal das Senhoras* frequentavam.

As peças inseridas no periódico feminino de Joanna, Violante e Gervasia ilustravam diversas situações:

By the mid-1830s most plates depicted two women, in domestic ball or outdoor settings, engaged in upper or middle-class feminine activities, such as attending balls – including costume balls for children – receiving a visitor in the salon, playing the pianoforte, reading books or magazines, writing or reading letters, doing embroidery, sketching, painting, and promenading in gardens, parks or at country states (HAHN, 2009: 67-68).



Muitas situações do cotidiano que foram ilustradas nas litografias francesas eram vivenciadas pelas leitoras brasileiras em seus espaços de sociabilidade. Assim, as vestimentas para o campo, para visitas domiciliares, para os bailes, para cerimônias religiosas, mortuárias e matrimoniais eram descritas em *O Jornal das Senhoras*, na sessão que tratava das “Modas e descrição da estampa”.

Nesta sessão, a colaboradora do periódico feminino, encarregada de comentar os elementos ilustrados na litografia francesa, possuía uma grande tarefa para descrever às suas leitoras o contexto imagético visualizado e que seria utilizado.

Para isso, primeiramente ela se deslocava até o porto para receber as litografias, tecidos, adereços e periódicos franceses. Quando não, ela enviava um de seus criados para tal tarefa. Depois, ela realizava a leitura e a tradução de todos os assuntos sobre a moda parisiense encontrados nos periódicos franceses, e demais informações que fossem úteis ao universo feminino. E, posteriormente, ela se deslocava nos estabelecimentos comerciais voltados ao mundo da moda, a fim de consultar as cores, tamanhos, modelos, cortes e demais elementos das peças litografadas.

Somente após todo este processo que, então, a colaboradora do *O Jornal das Senhoras* escrevia seu artigo. Depois o texto era destinado à casa tipográfica para a realização dos ajustes de página, formação, impressão e circulação pela cidade do Rio de Janeiro nos estabelecimentos de subscrição. Estes locais de venda, geralmente, possuíam um grande acesso de mulheres, como as casas de moda, perfumarias, salões de beleza e espaços de leitura. Assim, a distribuição do periódico nestes locais, facilitava sua visualização, bem como assinatura, aumentando o número de venda e circulação do jornal e das litografias francesas que eram anexadas.

Aqui podemos perceber a relação entre a imagem e as letras, onde a circulação de litografias francesas na imprensa feminina, na segunda metade do século XIX, se dá de modo conectado. Geralmente as litografias eram retiradas dos periódicos franceses e anexadas em periódicos brasileiros. Esta apropriação seletiva tinha como intenção aumentar o número de assinantes destes impressos, mas também elevar o conhecimento cultural feminino, equiparando-se ao nível francês.

A maioria destas litografias identificadas em *O Jornal das Senhoras* era assinada por Jules David (Jean-Baptiste David, 1808-1892), pintor de litografias que realizava suas obras



sob encomendas e sob acordos comerciais com periódicos franceses voltados ao público feminino.

Ao se colocar como a “[...] fiel interprete das modas do JORNAL DAS SENHORAS”, a redatora Violante, sob o pseudônimo de *Christina* buscou “[...] apresentar-vos sempre os nossos figurinos taes quaes elles são, interpretados tal qual foi a intenção de *Jules David* ao desenhal-os guiado pelas amestradas explicações das primeiras e mais notaveis artistas da grande capital do mundo elegante” (O JORNAL DAS SENHORAS, 09/01/1853: 01-02).

Geralmente estas litografias vinham anexadas em periódicos franceses, dentre eles: *Moniteur de la Mode* (1843-1913), *Petit Courrier de Dames* (1821-1868), *Les Modes Parisiennes* (1844-1885) e *Le Follet* (1829-1882), impressos femininos que publicavam notícias sobre a moda francesa e demais informações voltadas ao universo feminino.

Os impressos franceses eram enviados por correspondentes localizadas na França, e os acordos comerciais realizados entre estas mediadoras culturais permitiam manter as leitoras brasileiras atualizadas sobre a última moda do velho continente.

Para os redatores franceses, tais relações comerciais possibilitavam a expansão do mercado consumidor de seus impressos, bem como a legitimação da cultura francesa em solo brasileiro. Para as redatoras brasileiras, os acordos firmados proporcionavam o acesso às informações atualizadas sobre a moda parisiense, bem como o aumento no número de assinantes, interessadas por lerem os periódicos femininos e adquirirem as vestimentas ilustradas nas casas de modas, endereçadas, em sua maioria, na Rua do Ouvidor.

Assim, a circulação das litografias não movimentava apenas o comércio dos impressos, mas também o mercado das modas. As vestimentas ilustradas nas litografias francesas eram solicitadas pelas leitoras dos periódicos femininos nos estabelecimentos comerciais de costureiras e alfaiates no Brasil. Algumas peças de tecidos, acessórios e demais adereços e vestimentas vinham nas mesmas embarcações que traziam os impressos e peças litográficas. Quando chegavam ao porto do Rio de Janeiro, estas peças eram deslocadas até as alfaiatarias e costurarias, onde seriam copiadas e posteriormente vendidas às distintas damas da cidade e da região.

Na terceira edição do *O Jornal das Senhoras*, a redatora Joanna anunciou às suas leitoras que



Está por tanto esgotada a edição toda dos nossos Figurinos, cujo numero tínhamos calculado que seria mais que sufficiente, e não chegou” Ainda temos um consideravel numero de Assignantes, que por sua mimia bondade esperão até o trimestre de Abril, que é quando poderemos receber de Paris um dobrado numero de estampas para satisfazer a todos quantos nos quizerem honrar (O JORNAL DAS SENHORAS, 18/01/1852: 01).

Este anúncio indica o aumento no número de assinantes do *O Jornal das Senhoras*, que havia sido lançado a menos de um mês. Diante da grande demanda, os esforços realizados pela redatora Joanna e suas colaboradoras possibilitaram a antecipação da entrega dos figurinos às novas assinantes:

Temos a satisfação de anunciar ás nossas Assignantes que os nossos esforços forão coroados de um feliz resultado: já temos figurinos para offerecer a todas as Senhoras que nos quizerem honrar com a sua assignatura, e não nos é preciso esperar mais pelo mez de Abril para que elles nos cheguem de Paris. No Rio de Janeiro mesmo forão copiados com toda a exactidão daquelles que hoje vos apresento, e o seu trabalho apenas levou quatorze dias (O JORNAL DAS SENHORAS, 01/02/1852: 08).

Deste modo, o mercado da moda e de impressos, e a circulação destes objetos culturais entre a França e o Brasil permite constatar os gostos e as escolhas das redadoras, mas também os usos e as apropriações que foram feitas pelas leitoras dos periódicos femininos. Afinal, se houve um aumento no número de assinantes do *O Jornal das Senhoras* e de compra de tecidos, vestimentas e adereços por parte do público feminino, isto indica a busca pelos objetos transportados pelas embarcações marítimas, assim como a assimilação da cultura francesa nos modos de vestir e de ser.

Considerações finais

Conforme exposto neste pequeno trabalho o interesse que algumas redadoras tinham ao inserirem peças litográficas francesas em periódicos femininos no Rio de Janeiro, ao invés de litografias brasileiras se dava na busca pelo aumento de assinantes para seus impressos, porém tal objetivo acarretou no aumento da circulação destes impressos, via embarcações marítimas, bem como a expansão do mercado de modas, com a confecção de vestimentas ilustradas e anexadas em *O Jornal das Senhoras*.

Assim, foi possível compreender que os acordos comerciais entre redatores parisienses e redadoras no Rio de Janeiro proporcionavam benefícios financeiros e culturais para ambos,



na medida em que a circulação das peças litográficas favorecia a identificação de parte do cotidiano feminino francês às leitoras brasileiras.

Transferidas por diversos tipos de embarcações marítimas, as correspondentes na França atuavam como verdadeiras mediadoras culturais, assim como as redatoras e colaboradoras dos periódicos femininos no Brasil, que realizavam o uso seletivo destas informações para inserirem em seus jornais.

Assim, foi possível perceber a relação entre a imagem e as letras, que se deu pela descrição das estampas na sessão de modas e, conseqüentemente, pela circulação de litografias francesas na imprensa feminina na segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro.

Por fim, a leitura das informações sobre a moda parisiense, a visualização das ilustrações pintadas pelo francês Jules David, e a compra das mesmas vestimentas ilustradas nas litografias francesas, contribuem para identificar parte do processo de afrancesamento que o Brasil experimentou ao longo da segunda metade do século XIX.

Referências Bibliográficas

ABREU, Ilda soares de. O ar do tempo: a moda “à francesa”. *Revista HMiC*, número VIII, p. 141-155, 2010, (ISSN 16-96-4403).

ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Typografia Universal de Laemmert, 1852-1855.

COOPER-RICHET, Diana. Transferts culturels et passeurs de culture dans le monde du livre (France-Brésil, XIX siècle). *Patrimônio e Memória*. São Paulo, Unesp, v. 9, n. 1, pp. 128-143, jan-jun, 2013.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v I.

FREYRE, Gilberto. *Modos de homem e modas de mulher*. São Paulo: Global, 2009.

_____. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. (apresentação Roberto da Matta; bibliografia de Edson Nery da Fonseca; notas bibliográficas e índices atualizados por Gustavo Henrique Tuna) 16ª ed. São Paulo: Global, 2006.



HAHN, H. Hazel. *Scenes of parisian modernity: culture and consumption in the nineteenth century*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da Educação Brasileira: Leitura*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

MENEZES, Lená Medeiros de. Francesas no Rio de Janeiro: modernização e trabalho segundo o Almanak 'Laemmert' (1844-1861). *Revista do IHGB*, ano 165, n. 423, pp. 11-31, abr./jun, 2004.

O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal das Senhoras, 1852-1855.

O MENTOR DAS BRASILEIRAS. São João del-Rey: Typographia do Astro, 1829.

OLIVEIRA, Aline Cristina de. Conexões culturais luso-brasileiras: memória e representação na formação da imprensa no Brasil. *Patrimônio e Memória*, São Paulo, Unesp, v. 11, n. 2, pp. 150-174, jul-dez, 2015.